

# CINCO FATORES ESSENCIAIS NA ESTRATÉGIA MISSIONÁRIA DE PAULO E SUA APLICAÇÃO CONTEMPORÂNEA

  Jolivê Rodrigues Chaves<sup>1,\*</sup>

## RESUMO:

Embora Paulo não fosse um dos 12 apóstolos originais que viveram com Cristo durante Seu ministério terreno, ele se tornou o mais hábil defensor e mais bem-sucedido arauto do Evangelho. Assim, é possível questionar: ele tinha um plano intencional de ação missionária e plantio de igrejas? Sua metodologia de ação refletiu um plano estratégico? Neste trabalho, parte-se da hipótese de que sim. Cinco fatores foram essenciais na estratégia missionária de Paulo e sua aplicação contemporânea, a saber: submissão à direção do Espírito Santo; locais estratégicos de implantação de igrejas e contatos; eliminação de barreiras para pessoas ricas; investimento na formação dos discípulos; e a igreja local como um instrumento missionário.

**Palavras-chave:** Teologia bíblica; Teologia prática; Missão urbana.

## ABSTRACT

Although Paul was not one of the original 12 apostles who lived with Christ during His earthly ministry, he became the ablest defender and most successful herald of the Gospel. Thus, it is possible to ask: did he have an intentional plan of missionary action and church planting? Did his methodology of action reflect a strategic plan? In this work, it was assumed that five factors were essential in Paul's missionary strategy and its contemporary application, namely: submission to the direction of the Holy Spirit; strategic locations for implanting churches and contacts; eliminating barriers for wealthy people; investment in the formation of disciples; and the local church as a missionary instrument.

**Keywords:** Biblical theology; Practical theology; World mission.

<sup>1</sup> Doutor em World Mission pela Andrews University, EUA. Diretor e docente no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia – Faculdade Adventista da Bahia, Brasil.

**\*Autor correspondente:**  
[jolive.chaves@adventista.edu.br](mailto:jolive.chaves@adventista.edu.br)

**Submissão:** 11/2022  
**Aceite:** 06/2023

## Como citar

CHAVES, J. R. Cinco fatores essenciais na estratégia missionária de Paulo e sua aplicação contemporânea. *Práxis Teológica*, volume 19, número 1, e-1691, 2023. DOI: <https://doi.org/10.25194/2317-0573.2023v19n1.e1691>.



## INTRODUÇÃO

Embora Paulo não fosse um dos 12 apóstolos originais que viveram com Cristo durante Seu ministério terreno, ele se tornou “o mais hábil defensor e mais bem-sucedido arauto do Evangelho” (WHITE, 1974, p. 9). Entre os humanos, ninguém fez mais do que ele por causa do Evangelho. Profundo teólogo, incansável plantador de igrejas, escritor fenomenal, Paulo escreveu 13 dos 27 livros do Novo Testamento, moldando o pensamento teológico cristão. Além disso, um dos seus maiores legados ao cristianismo foi seu vigor e desempenho missionário.

Em pouco mais de dez anos, estabeleceu a igreja em quatro províncias do Império Romano – Galácia, Macedônia, Acaia e Ásia –, com uma obra abrangente e completa sob o ponto de vista da estabilidade da igreja e da formação de discípulos (ALLEN, 1962, p. 3, 5). Portanto, algumas perguntas que surgem naturalmente são: Paulo tinha um plano intencional de ação missionária e plantio de igrejas? Sua metodologia refletiu um plano estratégico? O autor deste artigo acredita que sim e indica cinco fatores essenciais na estratégia missionária do apóstolo e sua aplicação contemporânea: submissão à direção do Espírito Santo; locais estratégicos de implantação de igrejas e contatos; eliminação de barreiras para pessoas ricas; investimento na formação dos discípulos; e a igreja local como um instrumento missionário. Na sequência, cada um deles será expandido.

## SUBMISSÃO À DIREÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

A partir do momento em que Paulo foi chamado para o ministério, ficou claro que o Espírito Santo se encarregaria de sustentá-lo na obra que Deus estava lhe dando. Quando Ananias o visitou na casa de Simão, depois de ter recebido a visão celestial no caminho de Damasco, o discípulo mencionou que Cristo o enviara para lhe impor a mão, para que pudesse ver novamente e também para ele “fosse cheio do Espírito Santo” (At 9:17). O mesmo Jesus que ele tinha visto em visão estava agora concedendo-lhe o poder fundamental para realizar a missão que recebia de Deus.

O próximo relato de Lucas sobre a presença do Espírito Santo na vida de Paulo aparece no capítulo 13. Barnabé, encarregado de cuidar da igreja recém-iniciada de Antioquia, foi a Tarso e trouxe Paulo com ele para ajudá-lo. Por um ano, ambos lideraram o ministério em Antioquia, e houve muitas conversões (At 11:25-26). Nesse período, Barnabé e Paulo experimentaram o crescimento da igreja, não apenas em novos convertidos, mas também em novos líderes. Foi então que, em uma reunião de oração com os outros líderes, o Espírito Santo disse que a igreja de Antioquia deveria separar Barnabé e Paulo para uma obra especial que Ele tinha para ambos (At 13:1-3).

Não se sabe exatamente como o Espírito Santo falou ali, mas o fato é que Sua voz foi ouvida e obedecida. Os líderes impuseram as mãos sobre eles e os ordenaram para a nova missão. Nem a liderança da igreja de Antioquia nem os dois apóstolos questionaram ou duvidaram da direção do Espírito Santo; simplesmente aceitaram e confiaram na orientação do poder divino: “jejuando e

orando, e impondo-lhes as mãos, os despediram” (At 13:3).<sup>1</sup>

O versículo seguinte menciona que, “enviados pelo Espírito Santo” (At 13:4), eles iniciaram sua primeira jornada missionária de evangelização e plantio de igrejas. A intimidade que tanto os apóstolos quanto os líderes de Antioquia tinham com o Espírito Santo não apenas os levou a discernir a voz do Espírito Santo, mas também a ser obedientes, seguindo o curso da direção de Deus. Comentando esse episódio em Antioquia, Bauer (1983) argumenta que o Espírito Santo é responsável por criar a estrutura missionária da igreja.<sup>2</sup>

Mais tarde, enquanto Paulo estava em sua segunda viagem missionária – e com uma nova equipe, já que Barnabé preferiu se juntar a Marcos e seguir em outra direção (At 15:36-39) –, sua submissão à direção do Espírito em sua explosão missionária novamente veio à tona. Junto com Silas, Timóteo e Lucas (At 15:40; 16:1-10), passando pela região da Frígia e Galácia, “foram proibidos pelo Espírito Santo de pregar a palavra na Ásia” (At 16:6). O texto implica que eles não apenas entenderam a voz do Espírito Santo, mas também obedeceram-na. Logo depois, eles tentaram ir para Bitínia, “mas o Espírito não permitiu” (v. 7).

Aparentemente, o Espírito Santo queria primeiro testar a obediência de Paulo e sua equipe, para depois dar-lhes as informações precisas sobre onde deveriam evangelizar. Na sequência, estando em Trôade, ele teve uma visão em que “um homem da Macedônia se pôs em pé e suplicou-lhe, dizendo: Passa à Macedônia e ajuda-nos” (At 16:9). Interpretando aquilo como uma mensagem do céu, Lucas afirmou: “depois de ter tido a visão, imediatamente procuramos ir para a Macedônia, concluindo que o Senhor nos havia chamado para pregar o evangelho a eles” (v. 10).

Paulo e sua equipe foram para Filipos, a cidade mais importante daquela parte da Macedônia e então uma colônia romana. Lá, logo ficou claro por que o Espírito Santo os enviou para aquele lugar. Imediatamente Lídia, uma vendedora de púrpura da cidade de Tiatira, que adorava a Deus, tornou-se cristã, junto com sua família, e então o mesmo aconteceu com o carcereiro e sua família. A primeira igreja local da Europa foi instalada na casa de Lídia, e a partir de então as portas para o Evangelho se abriram a outras cidades da Europa, como Colosso e Tessalônica (ver At 16:15, 31-34, 40).

Ao analisar a influência do Espírito Santo na atuação missionária de Paulo, alguns aspectos ficam evidentes. O primeiro é a capacidade do apóstolo em ouvir a voz do Espírito Santo. Como se trata do instrumento divino para guiar a igreja e fazê-la prosperar na missão, os missionários precisavam ter tanta intimidade com Ele que pudessem ouvir Sua voz e seguir Sua orientação.

<sup>1</sup> Comentando esse episódio em que o Espírito Santo se manifestou em Antioquia para separar os apóstolos, White (1911, p. 163) menciona: “E agora, quando a comissão divina dada naquele tempo deveria ser mais plenamente cumprida, o Espírito Santo, novamente testificando a respeito de Paulo como um vaso escolhido para levar o evangelho aos gentios, colocou sobre a igreja a obra de ordená-lo e seu colega de trabalho”.

<sup>2</sup> Bauer (1983, p. 13, 27) argumenta que a igreja tem duas estruturas: congregacional e missional. A igreja local representa a estrutura congregacional, e os missionários enviados, a estrutura missional. Para ele, embora tenham características diferentes, muitas se repetem nelas, e ambas são necessárias ao cumprimento da Grande Comissão. Essa mesma ideia de que a igreja precisa das duas estruturas é defendida por Wagner (1979, p. 49), que alude à parábola do corpo humano para ilustrar a dependência mútua entre a estrutura congregacional e a missional. Ele explica que, se por um lado, as pernas (representando a estrutura missional) não sobrevivem sem o corpo (representando a congregacional), por outro lado o corpo sem pernas não pode se mover. Para ele, assim como as pernas são diferentes do corpo e ainda fazem parte do corpo, as missões, embora diferentes da igreja, fazem parte dela.

Outro fator que chama a atenção é a proibição do Espírito. Parece estranho que o Espírito impeça alguém de pregar em um lugar e proíba a pregação em outro; afinal, não é Ele o mais interessado em que as pessoas ouçam o Evangelho? Não são todas as pessoas o objeto do amor de Deus, e não é o objetivo de Deus que todos tenham a oportunidade de salvação? Sem dúvida, a resposta é sim, mas o Espírito Santo sabe onde estão os corações sinceros e abertos para ouvir o Evangelho, como aconteceu com Lídia e com o carcereiro de Filipos. É por isso que o Espírito Santo deve guiar todas as nossas estratégias missionárias e o plantio de igrejas.

Não há dúvida de que seríamos muito mais bem-sucedidos em nossos empreendimentos missionários se fôssemos guiados pelo Espírito Santo, assim como Paulo foi. O apóstolo levou tão a sério sua decisão de ser guiado pelo Espírito, que, mesmo diante da morte que viria em Roma, optou por ir àquele local a fim de terminar seu trabalho testemunhando perante o imperador, conforme a direção do Espírito Santo (At 20:22-23; 27:23-24).

Assim, o primeiro passo na estratégia missionária de Paulo foi sua submissão à direção do Espírito Santo. O Espírito lhe deu poder para realizar milagres (At 14:3; 19:11-12), capacitou-o a expor a mensagem (1 Co 12:11; Ef 3:16,20; 1 Ts 2:13)<sup>3</sup> e, sobretudo, levou-o às pessoas e lugares mais apropriados para investir seus esforços missionários e plantar novas congregações por meio das igrejas-lares.

Em nossos esforços contemporâneos de plantio de igrejas e movimentos evangelísticos, precisamos, como Paulo, buscar a orientação do Espírito e estar dispostos a desistir de nossas preferências para nos submeter à direção do poder divino.

## LOCAIS ESTRATÉGICOS PARA PLANTAR IGREJAS E PARA CONTATOS

O apóstolo Paulo levou a sério a grande comissão dada por Cristo para fazer discípulos em todas as nações (Mt 28:18-20) e especialmente seu chamado para ser o apóstolo dos gentios (At 22:2). E uma forma segura de fazer isso era plantando igrejas nativas onde as pessoas pudessem ser instruídas, batizadas e continuamente discipuladas na Palavra de Deus. Com experiência comprovada, o “método evangelístico mais eficaz debaixo do céu é a plantação de novas igrejas” (WAGNER, 1991, p. 182).

No entanto, Paulo não plantou igrejas aleatoriamente. Ele seguiu um roteiro que atendeu a determinados critérios, permitindo que sua mensagem se espalhasse com mais facilidade e alcançasse maiores resultados na salvação de pessoas. Começando com a escolha de onde as igrejas seriam estabelecidas, plantou-as em locais estratégicos. Segundo Allen (1962, p. 10), o apóstolo priorizava províncias (em vez de cidades) e lugares que eram centros da administração romana, ou áreas da

---

<sup>3</sup> Burke (2011, p. 156-157) explica que em Tessalônica o Espírito Santo agiu de várias maneiras para capacitar Paulo a cumprir a missão de Deus naquela cidade: Ele lhe concedeu revelação profética (1 Ts 1:5), produziu a conversão daqueles que aceitaram a mensagem do apóstolo (1:6), agiu por meio da Palavra no coração dos convertidos (2:13), produziu santificação no coração dos fiéis (4:3-8) e instruiu os membros a praticarem o amor mútuo (4:9).

civilização grega, ou de influência judaica. O fato de Paulo ter visitado cidades importantes como Damasco, Jerusalém, Antioquia, Filipos, Tessalônica, Atenas, Corinto, Éfeso, Cenecria, Trôade e Roma e as províncias da Galácia, Ásia, Macedônia e Acaia (1 Co 1: 2; 15:32; 18:8; 16:1-3; 1:1,8,16,23; 2:3,13; 7:5; 8:1; 9:2; 11:9; 10: 32; Gl 1:2,17; 2:11; Rm 1:7-8; 5:19; 15:19, 25, 26, 31; 16:1,5,15; Gl 1:1; 7:8 ; 4:10; 2:2; 3:1) levou Peerbolte (2003, p. 234-236) a concluir que não foi por acaso que o apóstolo mudou, mas como essas cidades contavam com a presença de uma comunidade judaica, eram importantes centros de negócios e comércio e de destaque econômico, o que, segundo ele, facilitaria a propagação da mensagem para outras cidades e vilas menores. Essas cidades-centro, centros comerciais, centros culturais e de grande influência para gregos, judeus e romanos, eram cortadas por estradas que serviam de rotas para os vários pontos do império. A ideia era que a partir desses centros a mensagem fosse difundida para pontos menos significativos da região (ALLEN, 1962, p. 10-11).

Allen (1962) também observa que Paulo se limitou a trabalhar dentro do Império Romano. Segundo ele, havia pelo menos três razões para isso: 1) como cidadão romano, o apóstolo queria contar com a proteção de oficiais romanos contra a perseguição de judeus radicais; 2) alegrou-se por poder transitar pacífica e livremente por todo o território; e 3) apesar das perseguições dos judeus radicais, encontrou entre os judeus da diáspora uma relativa abertura e tolerância para compartilhar o Evangelho. Além disso, ele explica que a ideia de um império geral, cidadania comum, as múltiplas etnias e a pax Romana (Paz Romana) prepararam as pessoas para entender os ensinamentos de Paulo sobre o Reino de Deus (ALLEN, 1962).

Allen (1962, p. 12-13) também entende que não parecia ser o objetivo de Paulo plantar igrejas grandes e importantes em si, mas as que pudessem se reproduzir, iniciando novas igrejas nas áreas vizinhas. Essas igrejas em áreas de influência tinham forte potencial para influências de longo prazo em determinadas províncias.

Schnabel (2008), no entanto, tende a discordar de Allen sobre a afirmação de que Paulo escolheu estrategicamente as cidades centrais com o objetivo de espalhar o Evangelho daquela localidade. Para ele, os locais escolhidos tinham governo próprio, o que não permitia evangelização para ultrapassar os limites da própria cidade. O autor especula que o método de Paulo seguiu quatro padrões: 1) ia para onde os gentios estavam, embora começasse pelas sinagogas; 2) buscava a comunidade judaica por meio das sinagogas; 3) seguiu o critério da proximidade, o que o levou a procurar uma cidade próxima de onde já havia plantado uma igreja; e 4) usou o recurso da amizade e foi a lugares que ele ou seus companheiros tinham relações de contato (SCHNABEL, 2008, p. 260-286).

Qualquer que tenha sido o critério usado por Paulo para plantar igrejas, o fato é que ele obteve muito sucesso, pois os resultados superaram o que normalmente se percebe. Allen (1962, p. 17) concorda que o método de plantação de igrejas do apóstolo obedeceu mais ao critério de combinar a direção espiritual do Espírito com seu conhecimento da cultura e das pessoas do que o de ter um plano elaborado com base nas localidades.

Ao concluir este tópico, considero apropriada a comparação de Stetzer e Beard (2012, p. 193) com plantadores de igrejas modernos, com base no modelo de Paulo, focando principalmente o

Evangelho – “plantação de igrejas genuína, conforme modelado por Paulo, é plantação de evangelho”. Em segundo lugar, não se esqueça da natureza da igreja: existe para pregar o evangelho e para reproduzir. “O legado de Paulo foi simples: ele pregou o evangelho e plantou igrejas” (STETZER, BEARD, 2012). Em terceiro lugar, os autores sugerem flexibilidade na missão, na questão de plantar igrejas. Significa defender diferentes tipos de igrejas que atendem às pessoas em suas diferenças: igrejas sensíveis, igrejas domésticas, igrejas étnicas etc. (STETZER, BEARD, 2012, p. 194).

Por fim, mantenha a paixão pelas nações (STETZER, BEARD, 2012). Isso implica ter uma visão da necessidade global da pregação do Evangelho, não se acomodando e se satisfazendo apenas com as conquistas da igreja local. Como Paulo, devemos estar dispostos a ir onde o Evangelho ainda não foi pregado, às nações não alcançadas, e colaborar com ele por meio de nossas orações, financeiramente e, se possível, pessoalmente.

## ELIMINANDO BARREIRAS PARA ALCANÇAR PESSOAS

Parece evidente que Paulo dirigiu seus esforços evangelísticos com base em sinagogas ou mesmo em pessoas de influência. Estudiosos acreditam que isso não foi por acaso, mas sim uma estratégia que visava tornar seus intentos mais eficazes na expansão da fé. Da mesma forma, há evidências de que ele procurou contextualizar sua mensagem, tornando-a acessível e atraente a seus ouvintes. Essas duas questões serão expandidas neste tópico.

### Priorizando sinagogas e pessoas influentes

Allen (1962) argumenta que outra estratégia de Paulo foi a escolha de seus ouvintes. Se, por um lado, não tinha preferência por classes de pessoas, por outro ele estrategicamente parecia dar prioridade a pessoas influentes e sinagogas judaicas. No primeiro caso, era necessário que a mensagem do Evangelho tivesse maior alcance dessas pessoas influentes e, no caso das sinagogas, é impressionante que tenha escolhido começar por elas, pois era o “apóstolo da Gentios”, e os judeus o perseguiram continuamente (ALLEN, 1962, p. 19-21).

Allen (1962) supõe que talvez essa opção se devesse ao seu compromisso com os judeus, sendo ele mesmo um deles, e também porque nas sinagogas não havia apenas judeus, mas também os “prosélitos” e os gregos “tementes a Deus”, que uma vez evangelizados, iriam abrir-lhe as portas no mundo gentio.

Glasser (1999, p. 130) ressalta que a estratégia de Paulo de trabalhar com os “tementes a Deus” foi positiva, pois, se por um lado, eles mostravam o desejo de romper com o paganismo, por outro ainda tinham medo de abraçar o judaísmo; caso contrário, já seriam prosélitos. Assim, estavam possivelmente abertos para se integrar à nova comunidade cristã proposta pelo apóstolo.

## Contextualizando a mensagem

Segundo Bosch (2002, p. 503), o termo “contextualização” foi cunhado pela primeira vez no início da década de 1970 para designar uma série de modelos teológicos na tentativa de tornar a mensagem relevante à cultura em uso. Para Hesselgrave e Rommen (1989, p. 200), contextualização é “a tentativa de comunicar a mensagem da pessoa, obras, Palavra e vontade de Deus de uma forma que seja fiel à revelação de Deus, especialmente conforme apresentado no ensino da Sagrada Escritura, e que seja significativo para os entrevistados em seus respectivos contextos culturais e existenciais”.

Sills (2012, p. 201) explica que, ao comunicar a mensagem bíblica, o missionário deve fazer ajustes a fim de se tornar relevante e compreensível aos ouvintes. E esses ajustes não se limitam à comunicação na linguagem dos ouvintes, mas “incluem todas as formas que os humanos se comunicam. Isso não significa mudar as exigências ou o conteúdo do evangelho, mas sim mudar as formas como o comunicamos”.

Há muitas evidências bíblicas de que Paulo praticava a contextualização, e nesse sentido serão exploradas três delas. Um de seus textos clássicos sobre o assunto é 1 Co 9:19-22:

Porque, embora esteja livre de todos os homens, fiz-me servo de todos, para ganhar ainda mais, e para os judeus me tornei como judeu, para ganhar judeus, para os que estão debaixo da lei, como debaixo da lei, para ganhar os que estão debaixo da lei, para os que estão sem lei, não sem lei (não sendo para Deus, mas debaixo da lei para com Cristo), para ganhar os que estão sem lei, tenho tornei-me tudo para todos, para que eu pudesse por todos os meios salvar alguns.

Se, por um lado, o apóstolo mostrou preocupação em manter o conteúdo imutável do Evangelho, por outro apontou a necessidade de adequar a forma de apresentar a mensagem de tal maneira que os ouvintes pudessem se sentir atraídos por ela. Mais do que isso, demonstrou que em seu ministério essa perspectiva foi efetivamente posta em prática por meio de um esforço pessoal e atitude deliberada de adaptar sua metodologia conform a necessidade do povo, a fim de se tornar mais eficaz na comunicação do Evangelho. A ideia era eliminar todas as barreiras à comunicação para que ninguém se perdesse por causa da falha do mensageiro ou de uma metodologia inadequada. “A maneira pela qual os evangelistas e Paulo comunicaram o evangelho nos vários contextos culturais evidencia o fato de que uma forma de contextualização era praticada na igreja primitiva” (CORLEY; LOVEJOY; LEMKE, 2002, p. 374-375).

O segundo texto que mostra claramente o esforço de Paulo para contextualizar sua mensagem é Atos 15. Ali, o foco não era colocar sobre os gentios, particularmente os convertidos de Antioquia da Síria, costumes e práticas que não eram essenciais à salvação. Era a circuncisão, prática dos judeus, que os distinguia como povo, mas que não tinha peso na salvação. A ideia dos juízes era que, para ser salvo, primeiro um gentio deveria se tornar um judeu proselitista, passar pela circuncisão e depois se tornar um cristão. Paulo e Barnabé negaram essa prática, e, por causa da agitação que surgiu, o conselho foi formado com os apóstolos e anciãos em Jerusalém para deliberar a questão.

Para Sills (2012, p. 203), “os sábios insights de Paulo foram aspectos essenciais para a

resolução harmoniosa alcançada pelos crentes de origem não-judaica”. O modelo de Paulo é claro: se, por um lado, os princípios do Evangelho são intocáveis, por outro os costumes e práticas que são comuns em uma igreja de uma cultura particular não devem ser impostos a igrejas de culturas diferentes. Como sublinhou o autor, “diferentes contextos exigiam formas de ministério culturalmente apropriadas... Paulo não apenas pregou a mensagem do evangelho, ele contextualizou o cristianismo nas culturas onde ele plantou igrejas” (SILLS, 2012, p. 203).

Há dois outros textos que ilustram outro aspecto do modelo contextual de Paulo. Tanto o sermão em Antioquia da Pisídia (At 13:15-52) quanto o discurso no Areópago grego (At 17:16-34) mostram o esforço do apóstolo para tornar sua fala e linguagem compreensíveis a seus seguidores. Em outras palavras, ele procurou tornar o Evangelho palatável para seu público-alvo.

No sermão de Antioquia (Atos 13:15-52), sabendo que a maioria dos ouvintes eram judeus ou prosélitos, reconstruiu a história da nação, começando pela eleição divina, a libertação do Egito, o período dos juízes, a reis, para mostrar que Jesus era descendente de Davi, conforme a profecia havia predito. Ele falou do ministério de Cristo, seu julgamento, morte e ressurreição, como eventos descritos profeticamente, e finalmente os chamou a crer na justiça pela fé.

Edwards (2014, p. 71) mostra que quando Paulo chegou a Atenas, “sua abordagem no mercado e na praça serviu para atrair ambos os grupos de filósofos presentes”, e isso despertou neles a curiosidade, gerando o convite para se dirigir ao Areópago. Isso mostra que a abordagem do apóstolo foi relevante e de alguma forma chamou a atenção deles. Em seu discurso no Areópago, citou os filósofos gregos e recorreu a uma abordagem atraente aos ouvintes ao falar de sua religiosidade e do Deus desconhecido a quem eles também adoravam. Essa forma de conduzir a mensagem é um exemplo da chamada “analogia redentora” (OSBORNE, 2006, p. 413): trata-se de usar fatos e expressões conhecidas para servir de ponte para falar de verdades não tão familiares aos ouvintes, partindo do conhecido para o desconhecido. Aqui ele usou um *background* grego para ganhar os gregos, assim como em Antioquia usou um *background* judaico para atrair os judeus.

Em seu discurso, Paulo falou do Deus Criador, do arrependimento, do julgamento e da ressurreição, o que de alguma forma chamou a atenção dos atenienses. De acordo com Til (1959, p. 6), isso era apropriado porque “mesmo entre os cultos era de bom estilo reconhecer o fato de que havia mais no céu e na terra do que eles ainda sonhavam em sua filosofia”.

Dessa forma, pode-se dizer que Paulo procurou quebrar barreiras e muitas vezes construir pontes para alcançar o coração e a mente de seus ouvintes com o Evangelho. Ficou claro para ele que priorizava as sinagogas a fim de atrair seus patrícios com a mensagem e alcançar gentios e prosélitos tementes a Deus, o que abriria portas a outros gentios, o foco principal de sua missão. Outra evidência da construção de pontes foi a maneira como o apóstolo contextualizou sua mensagem, tornando-a relevante a seus ouvintes. Isso pode ser notado em sua linguagem adequada à formação deles, fossem judeus, gentios ou de características específicas, como os filósofos de Atenas.

## INVESTIMENTO NA FORMAÇÃO DOS DISCÍPULOS

O discipulado é um imperativo bíblico (Mt 28:18-20) e consiste em um processo contínuo

pelo qual uma pessoa é atraída a Cristo e se torna um crente maduro e espiritualmente reprodutivo (CHAVES, 2008, p. 23). Outro fator essencial na estratégia missionária de Paulo foi seu investimento na formação de discípulos, fato muito claro em todo o livro de Atos dos Apóstolos e em suas epístolas. Este tópico abordará três abordagens diferentes dele que evidenciam seu investimento no treinamento do discipulado.

Primeiro, Paulo formou discípulos por sua capacidade de trabalhar em equipe. Começando com a parceria com Barnabé na liderança da igreja em Antioquia, e o mesmo trabalho ali com uma equipe de líderes composta por pelo menos cinco pessoas. Após um ano atuando nessa igreja e compartilhando a liderança com Barnabé, havia pelo menos outros três novos líderes (At 13:1). Outras vezes, ele também trabalhou em equipe com Áquila e Priscila (At 18:2; Rm 16:2; 1 Co 16:19) e com várias pessoas que participaram de suas três viagens missionárias, entre as quais Barnabé, Marcos, Silas, Timóteo, Lucas, Tito, Erasto etc. (At 13:15-40, 16:1-3; 19:22, Gl 2:1; Cl 4:10, 14; Tm 4:11; Fp 24).

Por meio de suas várias equipes missionárias, Paulo fez um investimento pessoal na teoria e na prática para a formação do discipulado. Aqui está um ingrediente fundamental na formação do discipulado: a convivência. Assim como ele havia se tornado fariseu, tendo aprendido “aos pés de Gamaliel” (At 22:3), também trouxe ao seu redor homens e mulheres que haviam aprendido com ele e foram capazes de absorver sua experiência, fé e zelo pelo Evangelho para ser discípulos maduros e reprodutivos. Segundo Burrill (1996, p. 29), “para ser um discípulo, no uso da palavra no Novo Testamento, é estar vivendo em um relacionamento com aquele que está discipulando você”.

Em segundo lugar, Paulo formou discípulos nas igrejas locais, investindo tempo e ensinando para melhorar na fé aqueles que foram conquistados para Cristo Jesus. Em Atos 11:26, ele e Barnabé se reuniram por um ano inteiro com os irmãos da igreja de Antioquia para ensiná-los. E o texto diz que em Antioquia os discípulos foram, pela primeira vez, chamados cristãos. Comentando esse fato, White (1911, p. 157) explica: “Este nome foi dado a eles porque Cristo era o tema principal de sua pregação, pregação e ensino”.

Em Éfeso, na casa de Tirano, Paulo estabeleceu uma espécie de escola bíblica na qual durante dois anos os discípulos foram ensinados, e como resultado “todos os que viviam na Ásia ouviram a palavra do Senhor Jesus, tanto judeus como gregos” (At 19:10.11). O discipulado é um processo que requer tempo e investimento no ensino e aperfeiçoamento prático da vida cristã. Paulo fez isso: investiu o máximo de tempo possível para aprimorar os discípulos na experiência cristã.

Comentando sobre o método de discipulado de Paulo, Allen (1962, p. 81) diz: “o segredo do sucesso neste trabalho está em começar bem no início. É o treinamento dos primeiros convertidos que são ensinados a depender do missionário... a comunidade infantil aprende a descansar passivamente no homem de quem eles recebem sua primeira visão do evangelho”. Discipular é ensinar independência. Os resultados, tanto em Antioquia quanto em Éfeso, mostram que investir no discipulado vale a pena e traz os melhores frutos. A pressa em assuntos espirituais pode produzir números no curto prazo, mas os resultados maiores e mais eficazes são alcançados se houver um investimento planejado na formação do discipulado.

Finalmente, outra das metodologias de Paulo para o discipulado foi seu trabalho de confirmar

igrejas e discípulos. Ele fez isso passando pelas igrejas que haviam sido fundadas anteriormente (At 14:22; 15:41; 18:23) e por meio de suas cartas às igrejas locais, como Colossenses, Tessalonicenses, Romanos etc., e algumas pessoas, as quais podem ser seus colaboradores (como Timóteo e Tito), ou amigos pessoais (como Filemon). O fato é que o apóstolo não fez um trabalho irresponsável e desinteressante; ao contrário, suas igrejas e discípulos foram confirmados na fé e gozaram de seu cuidado e proteção para que pudessem atingir o nível de maturidade espiritual. Lawless (2012, p. 220) argumenta que “seu treinamento não foi elaborado nem complexo, mas foi intencionalmente focado”.

Portanto, pode-se dizer que Paulo investiu na formação de discípulos, seja por meio das equipes de trabalho, do treinamento e ensino dos convertidos nas igrejas, seja pelo acompanhamento e suas cartas às igrejas e às pessoas com quem conviveu. O discipulado foi um fator essencial na estratégia do apóstolo e essencial na escolha de seu sucesso missiológico. Da mesma forma hoje, a igreja só alcançará os resultados mais elevados e consistentes se houver um investimento intencional e planejado no discipulado.

## A IGREJA LOCAL, UM INSTRUMENTO MISSIONÁRIO

Há evidências de que um dos fatores da estratégia missionária de Paulo foi plantar igrejas autônomas para se tornar um instrumento missionário. Terry (2012, p. 160) chama essa abordagem Paulina de “missão indígena”. Para ele, o termo indígena é usado “para se referir a igrejas que são capazes de se reproduzir em uma cultura particular e refletem a cultura distinta de seu grupo etnolinguístico”.

Allen (1962, p. 50) explica que, para se tornarem ferramentas missionárias, as igrejas locais estabelecidas por Paulo foram ensinadas a ser independentes e reprodutivas. Primeiro, veio a independência espiritual. Para ele, na base de todo o ensino do apóstolo estava a visão de levar seus convertidos à independência em seu relacionamento com Deus. Eles deveriam aprender a depender do Espírito Santo e ser profundos investigadores das Escrituras, e não viver na dependência intelectual do apóstolo. Como apóstolo, com imensa responsabilidade, não permaneceu muito tempo nos lugares onde as igrejas foram estabelecidas; possivelmente nunca ficou mais de três anos em um lugar. Na maioria das vezes, sua estada era de meses ou até semanas; assim, ensinou suas igrejas a serem espiritualmente autônomas em seu relacionamento com Deus e as Escrituras. Ele escolheu a liderança local, que foi apoiada por suas visitas de supervisão e as cartas que enviou com instruções.

Em segundo lugar, as igrejas foram instruídas a ser financeiramente independentes. Para Allen (1962), esse princípio foi ensinado cedo nas novas igrejas, o que impediu a tendência de criar uma comunidade de ajuda externa financeiramente dependente. Essa independência financeira até os ajudou a serem espiritualmente maduros e dependentes de Deus, e não daquele que os evangelizava. O autor explica que Paulo não buscou ajuda financeira para si ou para seus convertidos e não administrava as finanças das igrejas locais. Ao ensinar cada congregação a se sustentar, investiu o máximo de tempo possível para aprimorar os discípulos na experiência cristã. Para ele, angariar fundos para ajudar a igreja na Judeia era uma exceção no trabalho de Paulo porque, via de regra, ele não pedia ajuda financeira de seus convertidos (ALLEN, 1962, p. 50-61).

Particularmente, uma questão de estranheza é que Paulo não era apoiado pelas igrejas que

pastoreou, especialmente porque ele mesmo dizia: “Assim também o Senhor ordenou aos que pregam o evangelho que vivam o evangelho” (1 Co 9:14). Mas ao mesmo tempo, ele diz que não quis trazer nenhum impedimento ao Evangelho, preferindo trabalhar para se sustentar (1 Co 9:12). Isso retrata o nível de abnegação do apóstolo e seu desapego da missão. Ele abre mão de um direito que era seu, que era legítimo, mas que poderia causar algum tipo de impedimento ao avanço do Evangelho, preferindo o sacrifício. Essa é uma lição especialmente para aqueles que fizeram do Evangelho um “negócio pessoalmente lucrativo” e que por isso têm sido pedra de tropeço para muitos que preferem se afastar da religião por causa desses escândalos.

Não é por acaso que o “grupo religioso” que mais cresce no Brasil (de 2003 a 2009 aumentou 1,59%) e em muitas partes do mundo hoje é o “não religioso”, tornando-se o terceiro maior grupo globalmente falando (1,1 bilhão de pessoas), atrás apenas dos cristãos (2,2 bilhões). As igrejas devem ser uma ferramenta missionária, expandindo a mensagem do Evangelho em sua própria comunidade. Terry (2012, p. 162) chama isso de “estratégia de difusão”, o que significa concentrar-se em uma área estratégica limitada, estabelecendo igrejas que estariam abertas a “alcançar outros lugares e povos”. Por essa razão, Paulo concentrou principalmente seu trabalho em quatro províncias romanas – Galácia, Ásia, Macedônia e Acaia – e nas principais cidades dessas províncias. Allen (1962, p. 50) diz que duas ou três cidades foram escolhidas para que as igrejas plantadas ali se tornassem “um centro de luz” e espalhassem o Evangelho para as cidades e vilarejos menores ao redor. Com base nos métodos missiológicos de Paulo, Venn aborda a necessidade de plantar igrejas hoje que sejam “autossustentáveis”, “autogovernadas” e “autopropagantes”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sucesso missionário do apóstolo Paulo não foi por acaso. As evidências mostram que ele seguiu fatores essenciais que demonstraram uma estratégia de ação que deve ser adaptada e seguida por aqueles que assumem a missão em tempo hábil.

Primeiramente, Paulo se submeteu à direção do Espírito Santo, que lhe garantiu não apenas o poder necessário para suas próprias vitórias espirituais, mas também para a realização de milagres que tornavam seus ministérios atraentes e que evidenciavam suas credenciais apostólicas. E, sobretudo, o Espírito Santo lhe mostrou os melhores lugares para plantar as igrejas e as pessoas mais adequadas para serem evangelizadas, assegurando assim o avanço da evangelização, que era seu segundo fator estratégico. Com a ajuda do Espírito Santo, ele plantou igrejas nas cidades centrais que, como centros comerciais, financeiros e religiosos, atraíam judeus e gentios que se convertiam para se tornar agentes evangelizadores nas cidades e vilas vizinhas.

Paulo também investiu na formação de discípulos, seja por meio da capacitação de equipes missionárias, investindo no ensino de convertidos, ou seguindo e supervisionando igrejas e líderes pessoalmente e por cartas. Isso garantiu o crescimento espiritual e missiológico dos membros.

Por fim, o apóstolo ainda ensinou suas igrejas a serem independentes, tanto no aspecto espiritual, como financiador, quanto missiológico, assegurando que suas congregações se tornassem

“autossustentáveis”, “autogovernadas” e “autopropagadas”. Não há dúvida de que se seguirmos a mesma estratégia de Paulo, teremos mais sucesso em nossa missão hoje também.

## REFERÊNCIAS

ALLEN, R. **Missionary Methods: St. Paul's or Ours?** Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1962.

BURKE, T. J.; ROSNER, B. S. (Ed.). **Paul as Missionary**. New York: T&T Clark International, 2011.

BARNETT, P. **Paul Missionary of Jesus**. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 2008.

BAUER, B. L. **Congregational and Mission Structures and How the Seventh-Day Adventist Church Has Related to Them.** D. Miss diss. Fuller Theological Seminary, Pasadena, CA, 1983.

BOSCH, D. J. **Transforming Mission**. Maryknoll, NY: Orbis Books, 2004.

BURRILL, R. **Radical Disciples for Revolutionary Churches**. Fallbrook, CA: Hart Research Center, 1996.

CHAVES, J. Ciclo de discipulado. **Revista do Ancião**, jan./mar. 2008, p. 23.

CORLEY, B.; LOVEJOY, G.; LEMKE, S. **Biblical Hermeneutics**. Nashville: B&N Academic, 2002.

EDWARDS, R. D. **Paul's Journey – From Tarsus to Roma: To Live is Christ**. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2014.

FGV. Fundação Getúlio Vargas. **Novo Mapa das Religiões**. Rio de Janeiro: FGV, 2011. Disponível em: [www.fgv.br/cps/religiao](http://www.fgv.br/cps/religiao). Acesso em: 22 maio 2017.

HESELGRAVE, D.; ROMMEN, E. **Contextualization: Gleanings, Methods and Models**. Grand Rapids, MI: Baker, 1989.

HULTGREN, A. J. **Paul's Gospel and Mission**. Philadelphia: Fortress Press, 1985.

GASSER, A. F. The Apostle Paul and the Missionary Task. In: WINTER, R. D.; HAWTHORNE, S. C. (Ed.). **Perspective on the World Christian Movement: A Read**. Pasadena, CA: William Carey Library, 1999.

LAWLESS, C. Paul and Leadership Development. In: PLUMMER, R. L.; TERRY, J. M. (Ed.). **Paul's Missionary Methods**. Downers Grove, IL: Inter Varsity Press, 2012.

MCGRAVAN, D. **Bridges of God: A Study in the Strategy of Missions**. Eugene, OR: Wipf and

Stock, 2005.

MCRA Y, J. **Paul, His Life and Teaching**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2003.

O'CONNOR, J. M. **Paul – His History**. Oxford: Oxford University Press, 2004.

'NO RELIGION' Is World's Third-Largest Religious Group After Christians, Muslims According To Pew Study. **Huffpost**, 2012 Dec 19. Disponível em: [https://www.huffpost.com/entry/unaffiliated-third-largest-religious-group-after-christians-muslims\\_n\\_2323664](https://www.huffpost.com/entry/unaffiliated-third-largest-religious-group-after-christians-muslims_n_2323664). Acesso em: 22 maio 2017.

OSBORNE, G. **The Hermeneutical Spiral: A Comprehensive Introduction to Biblical Interpretation**. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2006.

PAYNE, J. D.; TERRY, J. M. **Developing a Strategy for Missions: A Biblical, Historical, and Cultural Introduction**. Grand Rapids, MI: Baker, 2013.

PEERBOLTE, L. J. L. **Paul the Missionary**. Dudley, MA: Peeters, 2003.

PLUMMER, R. L.; TERRY, J. M. (Ed.). **Paul's Missionary Methods**. Downers Grove, IL: Inter Varsity Press, 2012.

RIESNAR, R. **Paul's Early Period – Chronology, Mission Strategy, Theology**. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1998.

SCHILLEBEECKX, E. **Paul the Apostle**. New York, NY: Crossroad Publishing Company, 1983.

SCHNABEL, E. J. **Paul the Missionary – Realities, Strategies and Methods**. Downers Grove, IL: Inter Varsity Press, 2008.

SILLS, M. D. Paul and Contextualization. In: PLUMMER, R. L.; TERRY, J. M. (Ed.). **Paul's Missionary Methods**. Downers Grove, IL: Inter Varsity Press, 2012.

TAMBASCO, A. J. **In The Days of Paul: The Social World and Teaching of the Apostle**. Mahwah, NJ: Paulist Press, 1991.

TERRY, J. M. Paul and Indigenous Missions. In: PLUMMER, R. L.; TERRY, J. M. (Ed.). **Paul's Missionary Methods**. Downers Grove, IL: Inter Varsity Press, 2012.

TIL, C. V. **Paul at Athens**. Washington, DC: The Library of Potomac University, 1895.

WAGNER, P. **Estratégias para o crescimento da Igreja**. São Paulo: Sepal, 1991.

WAGNER, P. **Stop The World I Want to Get On**. Pasadena, CA: William Carey Library, 1979.

WHITE, E. G. **Sketches From the Life of Paul**. Washington, DC: Review and Herald Publishing Association, 1974.

WHITE, E. G. **The Acts of the Apostles**. Boise, Idaho: Pacific Press Publishing Association, 1911.